

O caçador

LARS KEPLER

O caçador

TRADUÇÃO
Renato Marques

ALFAGUARA


Copyright © 2016 by Lars Kepler

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The Rabbit Hunter

Capa

Estúdio Nono

Foto de capa

Fran García/ EyEm/ Getty Images

Preparação

Fernanda Villa Nova

Revisão

Ana Maria Barbosa

Clara Diament

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kepler, Lars

O caçador / Lars Kepler ; tradução Renato Marques.

— 1^a ed. — Rio de Janeiro : Alfaguara, 2020.

Título original: The Rabbit Hunter.

ISBN: 978-85-5652-095-1

i. Ficção sueca i. Título.

20-37639

CDD-839.73

Índice para catálogo sistemático:

i. Ficção : Literatura sueca 839.73

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORARIA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editora.alfaguara

instagram.com/editora_alfaguara

twitter.com/alfaguara_br

O caçador

É de manhã bem cedo e a água tranquila da baía brilha como aço escovado. As luxuosas mansões estão adormecidas, mas as luzes de seus jardins e piscinas cintilam atrás de cercas e sebes altas.

Com uma garrafa de vinho na mão, um bêbado percorre a estrada à beira-mar. Para em frente a uma casa branca com uma fachada alongada e voltada para a água. Com muita cautela, pousa a garrafa no meio da estrada, atravessa uma vala e escala a grade de metal preto.

Ele abre caminho ziguezagueando pelo gramado, depois se detém e cambaleia fitando os janelões, os reflexos das luzes do pátio, o contorno indistinto da mobília do lado de dentro.

Continua em direção à casa, acenando para saudar um enorme anão de jardim de porcelana e depois tropeça no deque de madeira. Bate um dos joelhos, mas mantém o equilíbrio.

A água da piscina reluz como uma lâmina de vidro azul.

Na borda, o homem se posiciona, instável, abre a calça e começa a urinar na piscina, depois vai andando trôpego na direção dos móveis de jardim azul-marinho e passa a encharcar as almofadas, as cadeiras e a mesa redonda.

Sua urina emana vapor no ar frio.

Ele fecha a braguilha e observa um coelho branco saltitar pelo gramado e desaparecer sob um arbusto.

Sorrindo, retoma a caminhada na direção da casa, escorando-se na cerca. Chega ao gramado, depois estaca e se vira.

Seu cérebro atordoado pela embriaguez tenta entender o que ele acabou de ver.

Uma figura vestida de preto com um rosto esquisito o encara.

Ou a pessoa estava de pé dentro da casa às escuras ou estava do lado de fora, observando-o no reflexo dos vidros.

1

VERÃO

Do céu escuro cai um chuvisco. As luzes da cidade brilham bem acima dos telhados. Não há vento, e as gotas iluminadas formam uma cúpula enevoada que cobre Djursholm.

Ao lado das águas tranquilas da baía de Germaniaviken esparramam-se uma mansão.

No interior da casa, uma jovem caminha pelo chão lustroso e pelo tapete persa tão cuidadosamente quanto um animal.

Seu nome é Sofia Stefansson.

Sua inquietação a faz registrar ínfimos detalhes da sala.

No braço do sofá há um controle remoto preto, com a tampa da bateria presa com fita adesiva. Veem-se marcas de copos no tampo da mesa. Um curativo velho está grudado na longa franja do tapete.

O chão range, como se alguém rastejasse em seu encalço, cômodo a cômodo.

Em seus saltos altos e panturrilhas tonificadas há salpicos de lama da trilha de pedras molhadas pela chuva. Suas pernas ainda são musculosas, apesar de ter parado de jogar futebol dois anos antes.

Sem que o homem que a espreita consiga ver, Sofia aperta nas mãos um spray de pimenta. Ela continua repetindo para si mesma que escolheu essa situação. Está no controle e quer estar ali.

O homem está de pé ao lado de uma poltrona e observa seus movimentos com franqueza descarada.

Os traços de Sofia são simétricos, mas seu rosto é bochechudo como o de uma menina. Ela está usando um vestido azul que deixa à mostra os ombros. Uma fileira de botões pequenos e forrados se estende pescoço abaixo por entre os seios. O coraçãozinho de ouro

em seu colar balança para cima e para baixo na base da garganta, no mesmo compasso de sua acelerada frequência cardíaca.

Ela poderia alegar que não está se sentindo bem, que precisa ir embora. Isso provavelmente aborreceria o homem, mas ele aceitaria.

O homem olha para Sofia com uma fome que faz o estômago dela vibrar de medo.

Ela é tomada pela sensação de que já o viu antes — talvez tenha sido um gerente sênior em algum lugar onde trabalhou, ou o pai de uma colega de turma de muito tempo atrás?

Sofia se detém a uma curta distância, sorri e sente as rápidas batidas de seu coração. O plano é manter distância até decifrar o tom e os gestos dele.

As mãos dele não parecem ser as de um homem violento: as unhas são bem cortadas e a aliança simples está arranhada por anos de casamento.

— Bela casa — ela diz, afastando do rosto uma mecha de cabelo.

— Obrigado — ele responde.

Ele não pode ter muito mais que cinquenta anos, mas ainda assim seus movimentos são pesados, como os de um idoso em sua velha casa.

— Você pegou um táxi para chegar até aqui? — ele pergunta e engole em seco.

— Sim — ela responde.

Eles ficam novamente em silêncio. O relógio no cômodo ao lado bate duas vezes com um tinido quebradiço.

Silenciosamente, um pouco de pólen cor de açafrão cai de um lírio.

Desde nova Sofia percebeu que se excita com situações de forte carga erótica. Ela gosta de ser admirada, da sensação de ter sido es-colhida.

— A gente já se viu? — ela pergunta.

— Eu não teria esquecido algo assim — ele responde.

O cabelo loiro-acinzentado do homem é ralo e penteado para trás. Seu rosto flácido é brilhante e sua testa é atravessada por um profundo vinco.

— Você coleciona arte? — ela pergunta, meneando a cabeça na direção da parede.

— Tenho interesse em arte — ele diz.

Os olhos pálidos encaram Sofia através dos óculos com armação de tartaruga. Ela se vira e desliza o spray de pimenta para dentro da bolsa, depois caminha até uma enorme pintura numa moldura dourada.

Ele vai até ela e se detém um pouco perto demais, respirando pelo nariz. Sofia se assusta quando ele levanta a mão direita a fim de apontar para um dos quadros.

— Século xix... Carl Gustaf Hellqvist — ele explica. — Morreu jovem. Teve uma vida conturbada, cheia de dor. Foi submetido a terapia de eletrochoque, mas era um artista maravilhoso.

— Fascinante — ela responde calmamente.

— Acho que sim — o homem diz, e depois caminha em direção à sala de jantar.

Sofia vai atrás dele, embora pressinta que está sendo atraída para uma armadilha. É como se a porta de saída estivesse se fechando atrás dela com preguiçosa lentidão, pouco a pouco obstruindo sua rota de fuga.

A sala imensa está decorada com cadeiras estofadas e armários lustrosos. Há fieiras de janelas com caixilhos de chumbo com vista para a água.

Ela nota duas taças de vinho tinto na beira da mesa de jantar oval.

— Posso te oferecer uma taça de vinho? — ele pergunta, voltando-se para ela.

— Prefiro branco, se você tiver — ela responde, preocupada que ele possa tentar drogá-la.

— Champanhe? — ele pergunta, sem tirar os olhos dela.

— Seria adorável — ela responde.

— Então vamos tomar champanhe — ele declara.

Quando você visita a casa de um completo desconhecido, cada cômodo pode ser uma armadilha; cada objeto, uma arma.

Sofia prefere hotéis, porque pelo menos há uma chance de alguém ouvi-la caso precise de ajuda.

Ela está seguindo o homem em direção à cozinha quando ouve um som estranho e agudo. Não consegue localizar a origem do ruído. O homem parece não ter notado, mas ela se detém e se vira para olhar as janelas escuras. Está prestes a dizer algo quando ouve um som muito nítido, como o estalido de um cubo de gelo caindo em um copo.

— Tem certeza de que não há mais ninguém aqui? — ela pergunta.

Ela poderia tirar os sapatos e correr em direção à porta da frente caso alguma coisa acontecesse. Ela é mais ágil do que o homem e, se saísse correndo, deixando o casaco pendurado onde está, conseguiria escapar.

Fica parada na porta da cozinha enquanto ele tira uma garrafa de Bollinger de uma adega refrigerada. Ele a abre e enche duas taças finas, espera que as bolhas se assentem e depois as sobre antes de caminhar até ela.

2

Sofia toma um gole do champanhe. Deixa o sabor se espalhar pela boca, ouve as bolhas estourarem na taça. Algo a faz olhar de novo para as janelas. Um cervo, talvez, ela pensa. Está escuro lá fora. Nos vidros ela vê refletidos os nítidos contornos da cozinha e das costas do homem.

O homem levanta mais uma vez a taça e bebe. A mão treme levemente quando gesticula na direção dela.

— Desabotoe um pouco seu vestido — ele diz em voz baixa.

Sofia esvazia a taça, vê a marca do batom na borda e a coloca em cima da mesa antes de abrir delicadamente o primeiro botão.

— Você está usando sutiã — ele diz.

— Sim — ela responde, e solta o segundo botão.

— Que tamanho?

— 44.

O homem permanece onde está e observa Sofia com um sorriso, e ela sente as axilas um pouco suadas.

— Que calcinha você está usando?

— Azul-clara, de seda.

— Posso ver?

Ela hesita, e ele percebe.

— Desculpe — ele se apressa em dizer. — Estou sendo muito direto? É isso?

— Talvez a gente precise lidar com o pagamento primeiro — ela diz, tentando parecer ao mesmo tempo firme e despreocupada.

— Entendi — ele diz, lacônico.

— É melhor tirarmos isso do...

— Você vai receber seu dinheiro — ele a interrompe com uma pitada de irritação na voz.

Quando ela atende seus clientes regulares, as coisas geralmente são muito diretas — agradáveis, até —, mas clientes novos sempre a deixam nervosa. Ela se preocupa com as coisas pelas quais já passou antes, como o pai de duas crianças em Täby, que a mordeu no pescoço e a trancou na garagem dele.

Ela anuncia seus serviços nas páginas de classificados das revistas on-line *Pink Pages* e *Stockholmgirls*. Quase todas as pessoas que entram em contato com ela são uma perda de tempo. Muita linguagem grosseira, promessas de sexo maravilhoso, ameaças de violência e punição.

Ela sempre confia em sua intuição quando começa a se corresponder com alguém novo. Essa mensagem específica era particularmente bem escrita. Bastante direta, mas não desrespeitosa. O homem disse que seu nome era Wille, seu número de telefone era privado e ele morava em uma área agradável.

No terceiro e-mail, ele explicou o que queria fazer com ela e quanto estava disposto a pagar.

Ela interpretou como um sinal de alerta.

Se parece bom demais para ser verdade, então tem algo de errado. Não existe refeição grátis neste mundo, e é melhor perder uma oportunidade de ouro do que correr riscos.

Ainda assim, ela está aqui agora.

O homem retorna e lhe entrega um envelope. Ela conta o dinheiro rapidamente e o coloca na bolsa.

— É o suficiente para você me mostrar sua calcinha? — ele quer saber.

Ela abre um sorriso caloroso, segura suavemente os dois lados do vestido e o levanta devagar até acima dos joelhos. A bainha roça sua meia-calça de náilon. Ela faz uma pausa e olha para ele.

Ele não retribui o olhar, mira apenas o meio das pernas de Sofia, enquanto ela vai pouco a pouco erguendo o vestido até a cintura. Sob as meias claras, sua calcinha de seda brilha como madrepérola.

— Você está depilada? — ele pergunta com uma voz um pouco mais rouca.

— Depilei com cera.

— Tudo?

— Sim — ela responde.

— Isso deve doer, hein? — ele pergunta, parecendo genuinamente interessado.

— Você se acostuma — ela diz com um meneio de cabeça.

— Como muitas coisas na vida — ele sussurra.

Ela deixa o vestido cair novamente e aproveita a oportunidade para limpar o suor das palmas das mãos enquanto alisa o tecido sobre as coxas.

Apesar de já ter recebido o dinheiro, ela começa a se sentir nervosa de novo.

Possivelmente porque ele pagou muito, cinco vezes mais do que qualquer cliente anterior.

Em um dos e-mails, ele explicou que estava disposto a pagar um adicional peladiscrição dela e pela satisfação de desejos específicos, mas esse valor está muito acima da taxa que ela normalmente cobra.

Quando ele escreveu para lhe dizer o que queria fazer, Sofia não achou que parecia tão ruim.

Ela se lembra de um homem de olhos preocupados que colocava a calcinha da mãe e queria que ela o chutasse na virilha. Ele pagou para ela fazer xixi nele encolhido no chão e uivando de dor, mas Sofia não conseguiu. Apenas agarrou o dinheiro e saiu correndo.

— As pessoas se excitam com todo tipo de coisa — Wille diz com um sorriso envergonhado. — Obviamente você não pode forçar ninguém... quero dizer, a pessoa tem que pagar por algumas coisas. Não espero que você realmente goste do que faz.

— Depende, mas se o homem for gentil, às vezes eu gosto de verdade — ela mente.

É óbvio que Sofia promete discrição total em seu anúncio, mas ainda assim ela toma suas precauções. Mantém em casa um diário em que anota os nomes e os endereços das pessoas com quem combina de encontrar, para que alguém possa achá-la caso venha a desaparecer.

Além disso, Tamara viu Wille uma vez, pouco antes de parar de trabalhar como acompanhante de luxo, se casar e se mudar para Gotemburgo. Sofia sabe que Tamara teria postado um aviso no fórum das profissionais do sexo se ele se comportasse de forma inadequada.

— Desde que você não me ache nojento e repugnante — o homem diz, dando um passo para mais perto dela. — Quero dizer, você

é tão linda e eu sou... bem, sei como eu sou. A minha aparência até que era razoável quando eu tinha a sua idade, mas...

— Você não está nada mal agora — ela assegura.

Sofia pensa em todas as vezes que ouviu pessoas dizerem que as acompanhantes devem ser como psicólogos, mas a maioria dos homens com quem ela faz programas nunca conta nada de sua vida pessoal.

— Vamos para o quarto? — Wille pergunta com voz suave.

3

Enquanto sobe atrás do homem a ampla escadaria de madeira, Sofia pensa no quanto está apertada para ir ao banheiro. Em cada degrau o tapete macio é mantido no lugar por finas varinhas de latão. A luz de um enorme lustre incide no corrimão envernizado.

O plano inicial de Sofia era se concentrar em clientes exclusivos, aqueles que estivessem dispostos a pagar mais por uma noite inteira, aqueles que quisessem companhia para uma festa ou uma viagem.

Nos três anos em que ela vem trabalhando como acompanhante, teve talvez uma dúzia de encontros desse gênero, mas em sua maioria os clientes só querem um boquete depois do trabalho antes de voltar para casa e ficar junto da família.

A suíte principal é bem iluminada e dominada por uma imponente cama de casal com belos lençóis de seda cinza.

Do lado da esposa há sobre a mesinha de cabeceira um romance de Lena Andersson e um pote de um caríssimo creme para as mãos; do lado de Wille, um iPad com marcas de dedos no vidro escuro.

O homem mostra a ela as correias de couro preto que ele já amarrou nas colunas da cama e na cabeceira. Ela observa que não são novas, têm leves rachaduras nos vincos, e sua cor começou a desbotar.

De repente, o quarto estremece e rodopia algumas vezes. Ela olha para o homem, mas ele parece alheio a isso.

Nos cantos da boca o homem tem marcas brancas de pasta de dente.

As escadas rangem e o homem se vira para dar uma olhada de relance na direção do corredor antes de olhar de novo para ela.

— Preciso confiar em você pra me soltar quando eu pedir — ele diz enquanto desabotoa a camisa. — Tenho que ter certeza de que

você não vai tentar me roubar ou simplesmente fugir, agora que já está com seu dinheiro.

— É claro — ela responde.

O peito dele é coberto de pelos louros, e ele está se esforçando para encolher a barriga enquanto ela olha para ele.

Sofia decide pedir para ir ao banheiro só depois que ele já estiver amarrado. A porta do banheiro da suíte está entreaberta e ela pode ver pelo espelho o chuveiro e um naco de parede de mosaico dourada.

— Quero que você me amarre e não tenha pressa: não gosto de violência nem de força — ele diz.

Sofia assente e tira os sapatos; quando endireita o corpo para se aprumar, sente outra vertigem. Seu olhar se cruza com o do homem antes de ela levantar o vestido até o umbigo. O tecido crepita de eletricidade estática. Ela enfia os polegares sob a parte de cima da meia-calça e começa a puxá-la para baixo. A sensação de compressão desaparece assim que o tecido fino se amontoa em torno de suas panturrilhas.

— Você prefere ser amarrada no meu lugar? — ele pergunta, sorrindo com a sugestão.

— Não, obrigada — ela responde quando começa a desabotoar o vestido.

— É bastante confortável, de verdade — ele brinca, puxando suavemente uma das correias.

— Eu não faço esse tipo de coisa — ela explica em tom alegre.

— Nunca experimentei inverter os papéis. Estou disposto a pagar o dobro do seu preço se você aceitar fazer isso — ele diz, rindo, como se o pensamento o surpreendesse e o deliciasse.

O que ele está oferecendo agora é mais dinheiro do que ela ganha em dois meses, mas ter que ficar lá deitada e amarrada é perigoso demais.

— O que você me diz? — ele sorri.

— Não — ela responde, curta e grossa.

— Tudo bem — ele diz rapidamente e solta a correia.

A fivela faz um som tilintante ao atingir a coluna da cama.

— Você quer que eu tire toda a minha roupa?

— Espere um pouco — ele responde, cravando nela um olhar estranhamente inquisitivo.

— Tudo bem se eu usar o banheiro?

— Daqui a pouco — o homem diz. Pelo som da voz, dá a impressão de que ele está tentando controlar a respiração.

Os lábios de Sofia parecem estranhamente frios. Quando ela leva uma das mãos à boca, vê o rosto do homem se abrir em um largo sorriso.

Ele se aproxima de Sofia, segura com força seu queixo e depois cospe em cheio no rosto dela.

— O que você está fazendo? — ela pergunta, enquanto uma onda de vertigem passa por sua cabeça.

As pernas de Sofia de repente cedem e ela desaba com tanta violência no chão que morde a língua. Ela afunda de lado enquanto sua boca se enche de sangue, e vê o homem em cima dela, desabotoando a calça de veludo.

Sofia não tem forças para se arrastar para longe. Ela pousa a bochecha no chão e vê uma mosca morta na poeira debaixo da cama. Seu coração está batendo com tanta força que ela consegue ouvir os ecos surdos dentro da orelha. Percebe que deve ter sido dopada.

— Não. Não faça isso — ela balbucia em um grito sufocado antes de fechar os olhos.

Antes de Sofia perder a consciência, ocorre-lhe que o homem pode estar prestes a matá-la e que essa talvez seja a última experiência que ela terá na vida.